

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

ESPÍRITAS E BATISTAS EM FEIRA DE SANTANA (1970-1980)

Elane Ribeiro dos Santos¹, Elizete da Silva²

1. Bolsista PIBIC/ CNPq, Graduada em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, elanehist@hotmail.com
2. Orientador (a): Elizete da Silva, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, cliosilva@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVES: Feira de Santana, Espiritismo, Denominação Batista

INTRODUÇÃO

A projeção do Espiritismo na cidade de Feira de Santana ocorreu em meados da década de 1930, mas precisamente no ano de 1936 quando foi fundado na cidade o primeiro Centro Espírita, o Paz dos Sofredores. Já na década de 1942 foi fundado o Centro Espírita Jesus de Nazaré e no ano de 1953 implantou-se a União Espírita Feirense mais tarde Sociedade de Estudos Espíritas Feirense. Com o passar dos anos diversos outros Centros Espíritas foram sendo implantados na cidade com orientação doutrinária baseada nos ensinamentos compilados por Leon Hipolliti Denizard Rivail, o Allan Kardec.

A cidade de Feira de Santana viu crescer ao longo da década de 1950 a influência protestante, sobretudo a partir da Denominação Batista cuja presença na cidade advém de 1947 quando foi implantada a Primeira Igreja Batista na cidade. Já na década de 1960 instalou-se em Feira de Santana o Instituto Bíblico Batista (IBB) o que propiciaria a formação de obreiros capacitados para o trabalho de evangelização e expansão das doutrinas batistas, que tenderia a crescer ao longo do tempo. Diante da expressividade que a Denominação Batista vinha adquirindo no cenário feirense ao lado da crescente influência Espírita, o objetivo deste estudo é analisar, tendo como fontes o Jornal Batista e do Batista Baiano além de entrevistas, como a Denominação Batista representou a doutrina espírita, durante os anos de 1970-1980.

Tal estudo torna-se relevante por se tratar de uma análise inédita, pois não há trabalhos historiográficos que contemplem as relações entre estes grupos religiosos no contexto feirense, além de contribuir para o entendimento das relações identitárias e de alteridade entre comunidades religiosas. No momento em que a Bahia e o Brasil instituíram o dia 21 de janeiro como o dia contra a intolerância religiosa, estudar as relações e o diálogo entre grupos religiosos no século passado é uma contribuição relevante no processo de entendimento da diversidade religiosa, típica da sociedade brasileira e feirense.

MATERIAL E METODOS

Analisando a religião como formadora da cultura, mediadora de uma leitura de mundo, escolheu-se assim a abordagem teórica desenvolvida pela Nova História Cultural, como o paradigma mais apropriado para a realização desse estudo. As inovações metodológicas advindo da historiografia francesa, sobretudo da Escola dos Annales, durante a década de 1960, fizeram com que novos temas de pesquisa fossem incorporados ao leque de abordagem dos pesquisadores, tais como crenças, rituais, religião e religiosidades

No livro *História Cultural: entre práticas e representações*, Roger Chartier discorre a respeito das representações coletivas, originárias das *utensilagens* mentais, como formadora de uma dada realidade. Assim como o Espiritismo, o Protestantismo também é uma forma particular de representar e ler o mundo. Tal como concebeu Chartier a representação social das práticas sociais não são universais, mas sim particulares na medida em que

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso o necessário relacionamento dos discursos profundos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1999, p. 17)

Paralelamente utilizamos o conceito de campo religioso desenvolvido por Pierre Bourdieu

o conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades, e em particular, aos progressos da divisão do trabalho e a aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e de “sistematização” das crenças e práticas religiosas (Chartier, 1998, p. 34)

Para este autor é necessário conhecer o campo religioso de um lugar a partir da sua relação com outros campos, tais como o da política, da economia e da cultura. Isto por que conforme Bourdieu, o campo religioso é uma organização relativamente autônoma, pois tem organização e estruturação própria, porém sua autonomia é relativa, na medida em que tal campo mantém constante relação com os outros campos existentes na sociedade. Embora a religião organize-se enquanto modelo regulador da sociedade, ela não está isolada da influência de outras estruturas sociais.

Portanto é possível dizer que em Feira de Santana há um campo religioso formado pelo catolicismo, pelo protestantismo, pelo espiritismo, pelas religiões de matrizes africanas em constante desenvolvimento e relacionamento.

No que concerne a utilização das fontes, fizemos o uso das fontes escritas e orais, tais como o Jornal Batista, o Jornal Batista Baiano, o Jornal Espírita Interação, Testemunhos da Imprensa, as memórias História Inacabada e História do Espiritismo na Bahia: Repercussão do Movimento Espírita Brasileiro e o Jornal Folha do Norte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No nosso estudo o que nos interessa é a forma pelo qual a Denominação Batista representou para os seus fiéis e para a população o Espiritismo. Em análise do Jornal Batista, periódico produzido pela Convenção Batista Brasileira e o Batista Baiano, periódico produzido pela Convenção Batista Bahiana, foi possível perceber a visão negativa perpetuada em relação não apenas ao Espiritismo, mas também em relação ao Candomblé, a Igreja Católica, a Umbanda e a Quimbanda.

Para os batistas o verdadeiro cristão deve ter como regra de vida, os ensinamentos postos na Bíblia. Não basta apenas ler o livro é necessário viver e agir conforme está escrito, pois nela esta a palavra de Deus, inquestionável, inviolável, intransponível. Não é necessário haver múltiplas interpretações, por que para os batistas o ensinamento, a regra é única. Sendo assim todo aquele que não estava vivendo sob o jugo da Bíblia, não era considerado verdadeiro cristão.

Do mesmo modo os batistas condenavam veemente, a adoração de imagens, o culto aos santos e aos orixás, a crença na reencarnação, na comunicação dos encarnados com os desencarnados, na utilização de folhas e chás em rituais religiosos. Enfim, os Batistas consideravam que tanto os candomblecistas, os espíritas, os umbandistas e os quimbandistas

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

eram seres pecadores, adoradores do demônio. È partindo, portanto deste principio que os batistas se relacionam com os adeptos das demais religiões, acima citadas.

A tentativa de comparar o Espiritismo com tudo que fosse negativo vai ao extremo quando em uma reportagem no Jornal Batista Reginaldo Pires Moreira compara o filme O Exorcista, lançado nos cinemas na década de 1970, como sendo a representação do poder do diabo e este sendo o dirigente da religião espírita. Na reportagem não havia intenções em negar a existência do diabo, muito pelo contrario o objetivo era deixar nítido para o leitor que o diabo é um ser maligno e que age na sociedade através da religião espírita.

Vejam na íntegra uma parte do que diz o periódico “sim, o diabo realmente existe e o seu poder impera assustadoramente no Brasil. Ele é o dirigente da religião espírita que congrega praticamente mais da metade da população do nosso país. Suas agências crescem assustadoramente no Brasil e no mundo inteiro (...) (Jornal Batista 15-12-1974. p: 2)

Era comum os pastores evangélicos, ou até mesmo membros leigos de alguma denominação religiosa buscar escrever livros, artigos, ou outro tipo de pesquisas destinadas a falar sobre o Espiritismo, foi o que fez, por exemplo, R. R. Soares no livro “*Espiritismo: a magia do Engano*”. No capítulo segundo Soares, se propõe a falar sobre as diversas formas de Espiritismo, passando desde a Umbanda, a Quimbanda, o Candomblé até chegar ao kardecismo, e concluiu que este último “como os demais cultos espíritas, não tem uma doutrina sólida. (Soares, 2002, p. 38)

Conforme Bourdieu é comum classificar uma religião como magia “tanto uma religião inferior e antiga, logo primitiva, quanto uma religião inferior e contemporânea, logo profana (aqui equivalente de vulgar) e profanadora” Embora o Espiritismo não tenha sido a principio difundido em um meio socialmente inferior da sociedade brasileira, a sua familiaridade em alguns pontos com as religiões socialmente inferiorizadas, bem como a contestação a alguns ditames católicos hegemônicos da época, como por exemplo, a não aceitação da crença na Santíssima Trindade, fizeram com que esta doutrina fosse classificada como mágica e seus adeptos feiticeiros e macumbeiros. Não apenas os Católicos, mas também os Evangélicos e ate o Poder Judiciário assim o classificava.

No Jornal Batista encontramos uma matéria intitulada *A Macumba, um dos nossos grandes flagelos*, nela constava:

dentre os grandes males que assolam e envergonham, o Brasil e ainda não mereceram de nossas autoridades atenção que cumpre esta o chamado espiritismo que tem povoado os manicômios e especialmente o baixo-espiritismo. No Distrito Federal e em Pernambuco a policia já iniciou a campanha aos macumbeiro¹.

No que concernem as entrevistas, Dona M.M esteve envolvida com o kardecismo durante cerca de cinco anos, findo este tempo, entrou em contato com a Umbanda onde permaneceu por cerca de vinte anos. Segundo ela, embora os trabalhos sejam abertos em nome de Deus, nada do que se faz ali é em nome de Deus e acredita que “não adianta tá recorrendo a Umbanda, nem ao Candomblé, nem ao Kardecismo, nada disso, por que o único caminho que temos é a cruz do calvário que Cristo nos liberto”². Para Dona M.M nem toda a religião leva a Deus, pois há os caminhos estreitos e os largos, onde estes levariam a perdição e aqueles levariam a salvação. Foi percebendo isto, aliado a ameaça que segundo ela, seu marido sofreu durante o período em que ambos estiveram envolvidos no centro de Umbanda, que levou a sua saída da religião.

¹ Jornal Batista. 04-09-1941. p: 2

² Entrevista concedida a autora no dia 15-03-2010 na residência da entrevistada

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A entrevistada Dona P.C, professora da Escola Bíblica Dominical, esteve envolvida com a Umbanda por volta de quatro anos. Durante este período frequentou na cidade de Salvador uma cirurgia espiritual feita em um centro kardecista, a convite de um primo. Lá, se submeteu a uma cirurgia feita por um médico que dizia receber o espírito de doutor Fritiz, na tentativa de livra-se de uma dor existente no joelho e na coluna. Recorda-se que

Durante a cirurgia não consegui fechar os olhos por que queria vê o que é que era, achava que era tudo era balela, que era alguém que realmente se disfarçava. E ai fiz lá a cirurgia no meu joelho, botou o esparadrapo, na minha coluna também, eles orientavam que agente não podia tirar manualmente nem no banho por que aquilo iria soltando e que o espírito tinha curado. E na verdade hoje com os meus trinta e oito anos eu continuo com a minha dor no joelho, com a minha dor na coluna, então realmente eu vi que tudo aquilo não passava de conveniência do ser humano, né por que de espiritual não tinha sido operado nada.³

Para P.C, o período na qual esteve envolvida com o Kardecismo e com a Umbanda tanto na sua vida, como na vida de sua família foi cercado por tumultos, tormentos, brigas, possessões demoníacas, revoltas, sem diálogo, e sem união. Enfim, era uma vida desestruturada, sem referência divina. Por isso buscou afastar-se de tudo e viveu durante um período completamente “solta”, sem referência religiosa. Depois de um tempo a sua tia conheceu a Bíblia através de um pastor, o que possibilitou assim a conversão de sua mãe e de seu irmão, e em seguida a sua. Este é um dos resultados até então obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. 1979. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, p.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, EDUSP, p.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. 1961. *Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica*. São Paulo: Pioneira, p.
- CHARTIER, Roger. 1999. *História Cultural: entre praticas e representações*. São Paulo, Editel, p.
- GUIMARAES, Tarcisio Farias. 2002. *Os Batistas e as Questões Políticas em Feira de Santana*. Epistême. 04, (1), p. 33
- SILVA, Elizete da. , 1998 *Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. Universidade de São Paulo, p. . Tese de doutorado.
- SILVA, Igor José Trabuco da. , 2008. “ *Tu não Participaras*”: *A Assembléia de Deus de Feira de Santana e os Dilemas da Participação Política (1972-1990)*. Universidade Estadual de Feira de Santana. Monografia de Especialização em História da Bahia, p.
- TEIXEIRA, Marli Geralda. 1975. *Os Batistas na Bahia: 1882-1925*. Universidade Federal da Bahia, p. MSc diss.
- TRABUCO, Zózimo. 2009. *O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a Construção da Identidade Batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Universidade Federal da Bahia, p. MSc diss.
- WEBER, Max. 2000. *Ética Protestante e Espírito do Capitalismo*. Martin Claret, São Paulo, p.

³ Entrevista concedida a autora no dia 20-03-2010 na residência da entrevistada